

## EDITORIAL

Para a Leitura Popular da Bíblia, corrente na qual comungamos, é de bom tom iniciar nossas reflexões assimilando empiricamente algo da realidade. Dizemos “algo” porque esta é bastante complexa e aparece sob muitas formas dependendo do lugar social de quem observa. O mundo urbano, que aqui queremos tematizar, é o mundo mediado, produzido e reproduzido ininterruptamente pelos modernos meios de comunicação social. O mundo contemporâneo<sup>1</sup>. É importante levar esse dado em conta porque, sob esse aspecto, mesmo aquelas áreas que geopoliticamente poderíamos classificar como rurais sofrem tanto impacto das redes de comunicação, que as pessoas que ali residem já expressam em suas vidas comportamentos, atitudes, linguagens e aspirações que pouco diferenciam-se de outras que vivem no conglomerado urbano. Ou seja, mundo urbano aqui aparece como uma categoria de pensamento bastante abrangente.

Há imensa bibliografia sobre o fenômeno das cidades assim como, desde a Revolução Industrial, grande número de urbanistas se detiveram a estudar a cidade em suas múltiplas possibilidades de abordagens. O urbanismo aparece ao mesmo tempo como arte e como ciência, que pensa o que é e o que deve ser a cidade. Com isso mantém uma característica bastante prática ao planejar a relação, que os grandes grupamentos humanos estabelecem no tempo e no espaço entre si.

As cidades atuais são espaços de realizações humanas incontestáveis na medida em que mobilizam grandes recursos econômicos gerando bens e serviços em uma dinâmica frenética que depende da constante evolução das tecnologias que, como sabemos, criam necessidades e demandas muitas vezes artificiais. As cidades atraem as pessoas e isso é um fato. Ela é uma “máquina de habitar” no dizer de Le Corbusier. As pessoas moram na cidade. Seus corpos, ao mesmo tempo em que geram a cidade, também pertencem a ela. O simples fato de as pessoas estarem tão próximas umas das outras requer delas uma política de convivência bastante exigente para que suas necessidades sejam sanadas através desse poderoso intercâmbio permanente, que exige contatos instantâneos, ainda que hoje sejam feitos por meio eletrônico.

Pensar biblicamente a realidade urbana é um desafio às teologias. Não só porque na Bíblia o conceito de cidade é bastante diferente do atual, mas porque hoje a realidade urbana é complexa e parece estar em constante mutação. A maioria da população

1. “Se a urbanização cresceu durante séculos muito lentamente, entrou no século passado (XIX) e, sobretudo, em meados do século XX, em fase de repentina aceleração, que não se deterá senão no momento da mutação integral do gênero humano. No final deste século (XX), a imensa maioria da população mundial é urbana e, dentro de cem anos, a antecipação de Aristóteles ver-se-á confirmada pelos fatos: o homem é um animal da cidade.” José Comblin. *Teologia da Cidade*, p. 10.

brasileira habita nas cidades e, como já dissemos, mesmo as pessoas que vivem no mundo rural são diretamente influenciadas pela lógica urbana. Neste sentido, refletir constantemente sobre a cidade como lugar teológico é um desafio e uma necessidade.

A cidade é lugar de encontros e desencontros. Muita gente em poucos espaços ao mesmo tempo em que há distâncias enormes entre corpos geometricamente próximos. A cidade é lugar de contradições, onde a opulência convive com a miséria absoluta, onde o legal e o ilegal se misturam, onde religiões e igrejas antinômicas disputam discípulos/as e “clientes”. A riqueza possível de abordagens bíblico-teológicas em relação ao mundo urbano conta com a contribuição deste número de *Estudos Bíblicos*. Aqui veremos algo da realidade urbana dos pobres, de jovens, de mulheres, de migrantes, etc.

Por isso partimos dos esforços de nossos articulistas para deixar a vida e os textos dizerem o que é importante na articulação hermenêutica entre a palavra de Deus e as realidades urbanamente vividas.

Elaine Neuenfeldt nos traz um artigo que pensa a situação de mulheres nas cidades, ruas e espaços públicos na Bíblia. Ela pergunta: a cidade é lugar acolhedor para as mulheres? Para isso, metodologicamente atém-se ao Primeiro Testamento buscando configurar o mundo urbano em uma abordagem de gênero como espaço de possibilidades para as experiências das mulheres nesse contexto.

Ainda na perspectiva de gênero, Humberto Maiztegui Gonçalves nos brinda com uma análise a partir de Ct 3,1-15 e 5,2-9 acerca da cultura urbana e algumas implicações para as mulheres. Sobre o desejo feminino transformado em poder que entra em conflito com a violência da cidade em seu contexto específico.

A partir da situação do exílio hebraico na cidade da Babilônia, Noli Bernardo Hahn trabalha Is 40–55 para lidar com a questão da identidade cultural dos sem nome, sem genealogia, desgarrados de suas tradições. É uma mensagem profética de esperança a todos/as que atualmente constituem o grupo dos neurbanos. Pessoas que ainda tem o “cheiro do campo”, mas vivem muitas vezes deslocados nas cidades sem ainda ter uma identidade urbana à altura de suas aspirações pessoais e sociais.

Norberto da Cunha Garin nos traz uma reflexão sobre Zc 8,1-8 aonde caminhamos nas ruas e nas praças da cidade. Onde a promessa de Javé para os repatriados apontava para uma cidade em que anciãos e crianças brincariam em paz nas praças. O autor questiona a conveniência ou não deste projeto em Israel.

Pedro Kramer apresenta interessante estudo a partir de Sf 3,1-5, onde transparece a urbanidade de sua atuação e de seus oráculos. Trata-se de um apelo profético diante das graves injustiças, violências, explorações e opressões praticadas pela elite urbana da capital Jerusalém contra os pobres e legalmente fracos israelitas.

Relacionar, a partir da Teologia da Revelação, a relação entre geografia e encarnação, é o que se dispõe realizar Ramiro Mincato. Jerusalém, centro do judaísmo, é a cidade santa que abriga o Templo, mas rejeita Jesus. Há uma lógica interna da fé em Jesus a partir do lugar geográfico no evangelho de João, objeto deste artigo.

No artigo de Ildo Bohn Gass sobre a estratégia pastoral de Paulo e sua equipe veremos que a heterogeneidade dos interlocutores de Paulo exigiu não só um “Paulo cosmopolita”, mas um verdadeiro trabalho comunitário no que concerne a evangelização. Não havia propriamente um modelo de estratégia missionária. Esta foi continuamente reinventada para se comunicar com o modo de vida urbano greco-romano e os seus múltiplos desafios pastorais.

Roberto E. Zwetsch, em uma perspectiva de cidadania, trata da situação dos migrantes como desafio missionário. Em que aspecto o cristianismo hodierno é capaz de construir uma *casa fraternal* para acolher o outro e lhe oferecer um lugar? Para responder essa questão, o autor reflete a partir da Carta aos Filipenses e de 1Pedro.

José Luiz Possato Jr. e Bárbara Lucas nos oferecem uma singular contribuição a partir da situação urbana das juventudes no Brasil. O artigo questiona sobre o papel relegado às juventudes no país, em especial no que as igrejas cristãs atribuem ao jovem. Os autores apresentam algumas citações bíblicas merecedoras de especial atenção quando se fala dos jovens e de suas constituições pessoais.

Por fim queremos que você faça boa leitura e que se sinta desafiado/a a contribuir na reflexão e na ação a partir das provocações presentes neste número de *Estudos Bíblicos*.

*Jones Talai Mendes*  
*Elaine Neuenfeldt*

